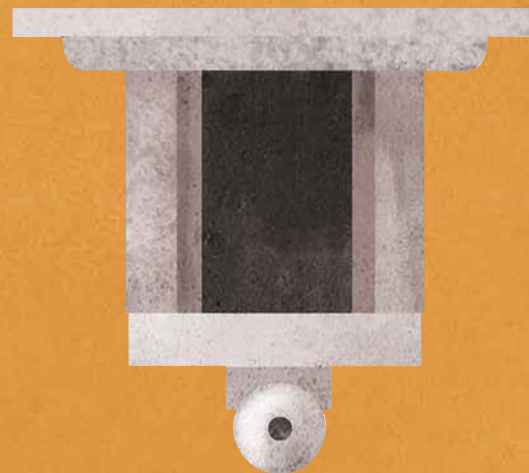




ISBN 9789899918856



9 789899 918856



Pedro Seromenho & Sebastião Peixoto

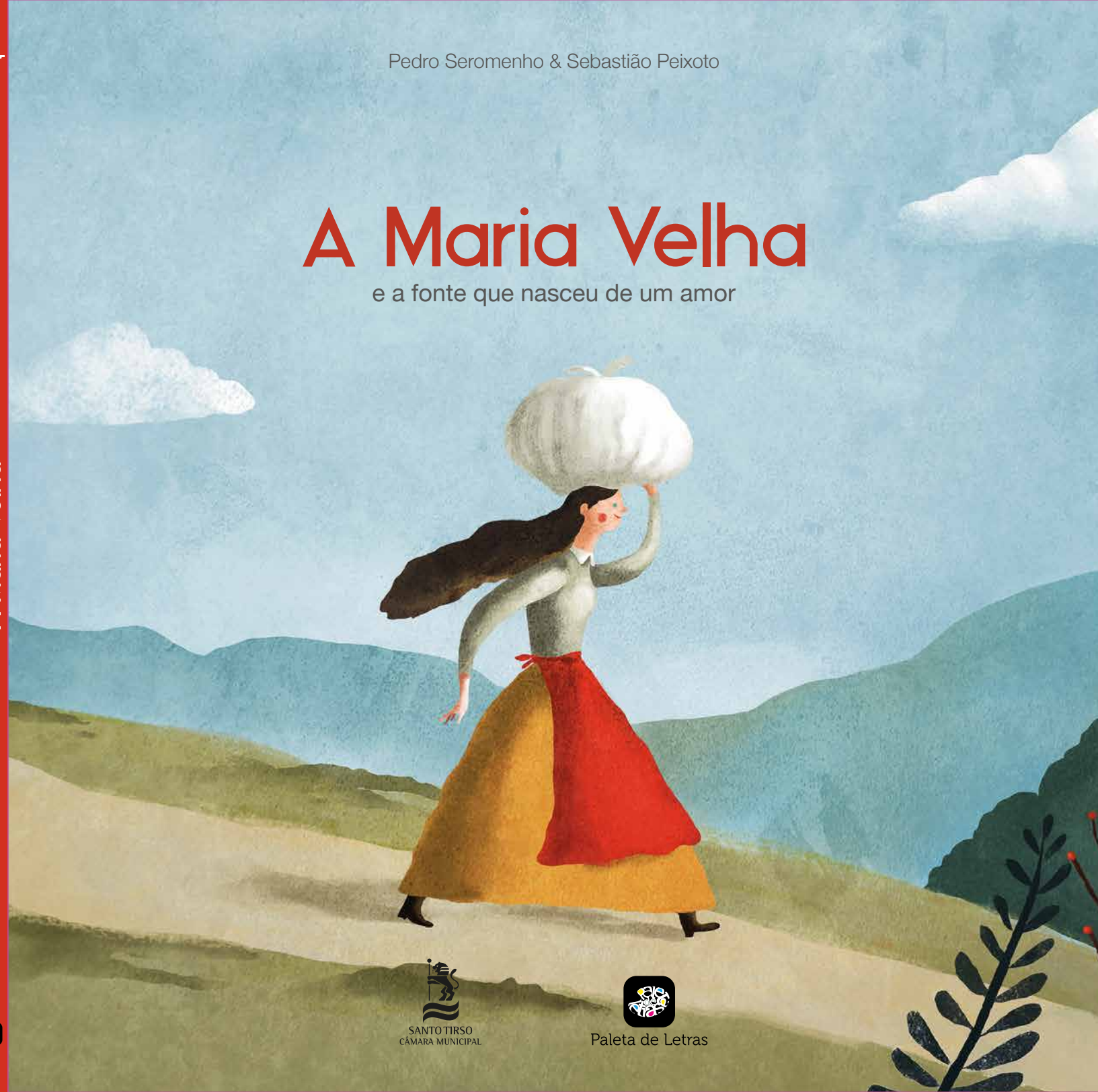
A Maria Velha



Pedro Seromenho & Sebastião Peixoto

A Maria Velha

e a fonte que nasceu de um amor



Paleta de Letras

Pedro Seromenho & Sebastião Peixoto

A Maria Velha

e a fonte que nasceu de um amor



Título:
A Maria Velha

© Texto:
Pedro Seromenho

© Ilustração:
Sebastião Peixoto

© Edição:
Editora Paleta de Letras

© Design:
Editora Paleta de Letras

Revisão do texto:
Sara Rocha

1ª edição:
março 2018

Depósito legal:
xxxxxxxxxxxxxxxxxx

ISBN:
978-989-20829-4-3

Impressão:
Empresa do Diário do Minho, Lda.

Este livro foi editado com o apoio da
Câmara Municipal de Santo Tirso

© Reservados todos os direitos





Esta é a história de uma Maria que não era velha. Era uma jovem lavadeira que tratava da roupa caseira, fosse sua ou fosse alheia, com barrela ou sem barrela, de trouxa em cima da cabeça e saia amarela. E era vê-la a cantar de freguesa em freguesa, com os trejeitos de uma princesa.



A Maria chegava ao lavadouro com os primeiros raios da manhã. Logo cerrava os punhos e se ajeitava a ensaboar e a esfregar até o sol aquecer e os nós dos dedos ficarem magoados. Por vezes havia tanta roupa para ela enxaguar e estender, que se via obrigada a fazer serão. Passava horas de braços esticados e em bicos de pés, até os tornozelos e os ombros ficarem dormentes. E quanto mais ela demorava mais a noite lhe pesava nos cabelos.

Numa manhã de verão, em que os riachos tinham secado mas os lavadouros não, surgiu um jovem a pedir para se refrescar. Vestia uma capa curta, um gibão cintado e uma gorjeira rendada de linho. As meias estavam ensopadas por ter andado onde não devia.

Ainda mal amanhecera e o jovem Bartolo já precisava de descansar. Numa mão trazia um chapéu de plumas amarrotado e noutra uma garrafa vazia. E a única coisa que ele repetia, e que se conseguia perceber, era que vinha com sede, que queria abancar e água beber.

– Meu senhor, bebei com cautela! Não vos quero engasgado!



O jovem ainda demorou um par de goles e, quando se virou para encarar Maria, quedou tão pasmado que esqueceu o que ia dizer. Os olhos da rapariga que tinha por diante eram claros e brilhavam num rosto de pele fina e delicada. A Maria podia ser uma rapariga humilde e singela mas, por onde passava, deixava o rasto perfumado das rosas com que distinguia as suas encomendas.

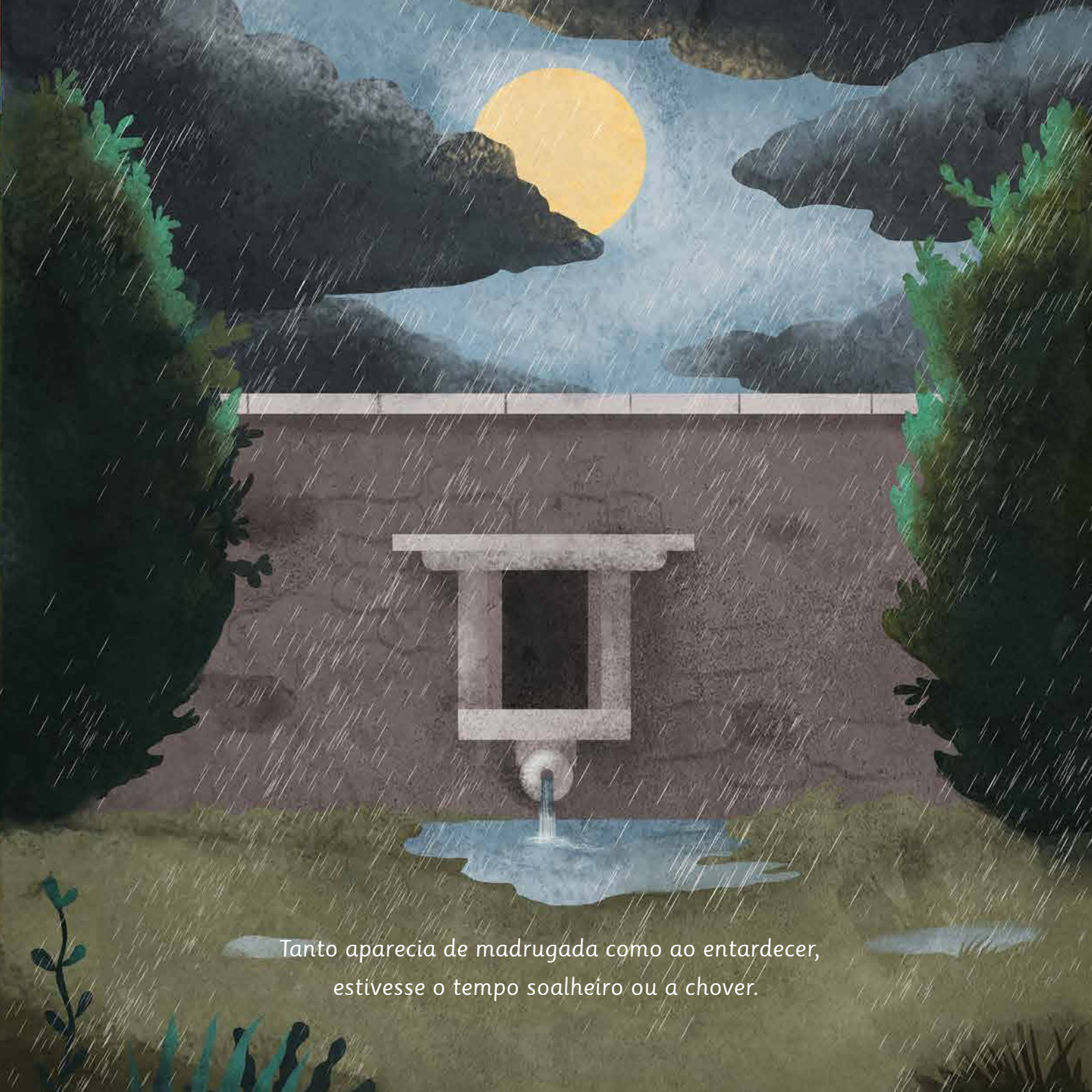
- Ah, fico-vos grato por tamanha preocupação! Prometo deixar-vos alguma. Não quero que deixeis de lavar por minha causa!
- Que gentis sois! Porque não aproveitais e encheis a garrafa?!
- Por hoje já tenho que chegue. Amanhã, por acaso, estareis cá?!
- Não será por acaso, senhor, mas porque tenho de trabalhar.

Foi assim que se despediram, como a água e o azeite que seguem caminhos apartados.





Durante semanas não houve um dia em que Bartolo não visitasse o lavadouro.



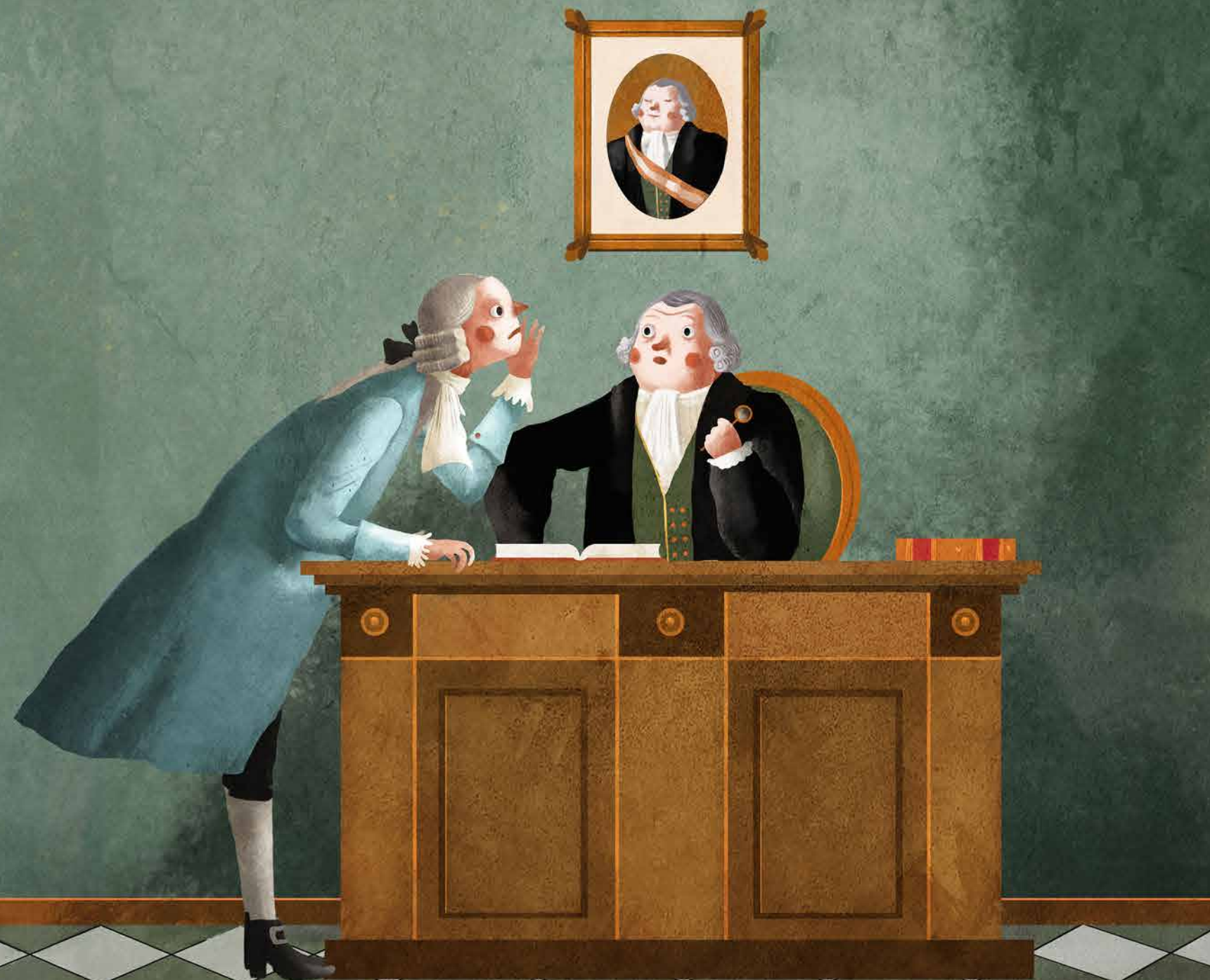
Tanto aparecia de madrugada como ao entardecer, estivesse o tempo soalheiro ou a chover.

Bartolo tinha sempre muita roupa para lavar,
mesmo que depois não a usasse. E por ali ficava horas...

Claro que toda a gente reparou naquele namorico.
Ainda para mais sendo entre uma rapariga tão humilde
e um jovem tão rico. Para os mais invejosos passou
até a ser motivo de chacota. Enquanto uns cantavam
“o Bartolo ficou tolo de amor!”, os outros prosseguiam
“mas vai ficar com a roupa branquinha e sem cor!”.



O jovem não se incomodava com os mexericos ou com o mal-dizer. Contanto que ele estivesse perto da amada, nada nem ninguém lhe conseguia tirar o bom humor. Quer dizer, ninguém, exceto o seu pai morgado que, ao contrário dos demais, não achava piada nenhuma à situação. Este, a princípio, ainda pensou que esta fosse mais uma das conquistas tresloucadas do filho, mas à medida que a relação se foi consolidando os seus piores receios tornaram-se realidade.



O jovem Bartolo nascera num berço de ouro. Se ele quisesse podia comprar muitas coisas, mas o livre-arbítrio não era uma delas. E por essa razão, quando chegou a altura de intervir, o pai morgado tratou de enviar o filho para o Mosteiro de Santo Tirso.





Os meses que se seguiram foram penosos para os amantes. Se era verdade que, dantes, eles tinham de ocultar os sentimentos que os assolavam, agora apenas sonhavam. A saudade tornou-se de tal modo insuportável que Bartolo esperou até os monges adormecerem e escapuliu-se. Saiu pela porta lateral da cavalaria, percorreu um dos trilhos dos montados e quando regressou pela portada que deixara entreaberta já vinha a sorrir.

Levantava-se sempre com o luar, vestia-se sorrateiro e desaparecia na noite como uma raposa. Encontrava Maria na Rua do Tapado, julgando que estariam a salvo e que ninguém os descobriria.



Mas a mentira tem perna curta e, se é verdade que as paredes de um mosteiro conseguem guardar segredos durante anos, já os monges são meros humanos que há muito esqueceram o que é a paixão. De tanto fugir e amar, houve uma noite em que tiveram azar. O pai morgado foi informado por força do divino, preparou-lhes uma emboscada e apanhou-os em flagrante, a ele e à sua amante. Acabaram-se as romarias.

Foi preciso esperar muito tempo para a paz e os ventos de bonança voltarem, para os amantes se reencontrarem com uma réstia de esperança. Ambos juraram o seu amor eterno e acreditaram que o pior havia passado mas, infelizmente, esta lenda não reza assim.

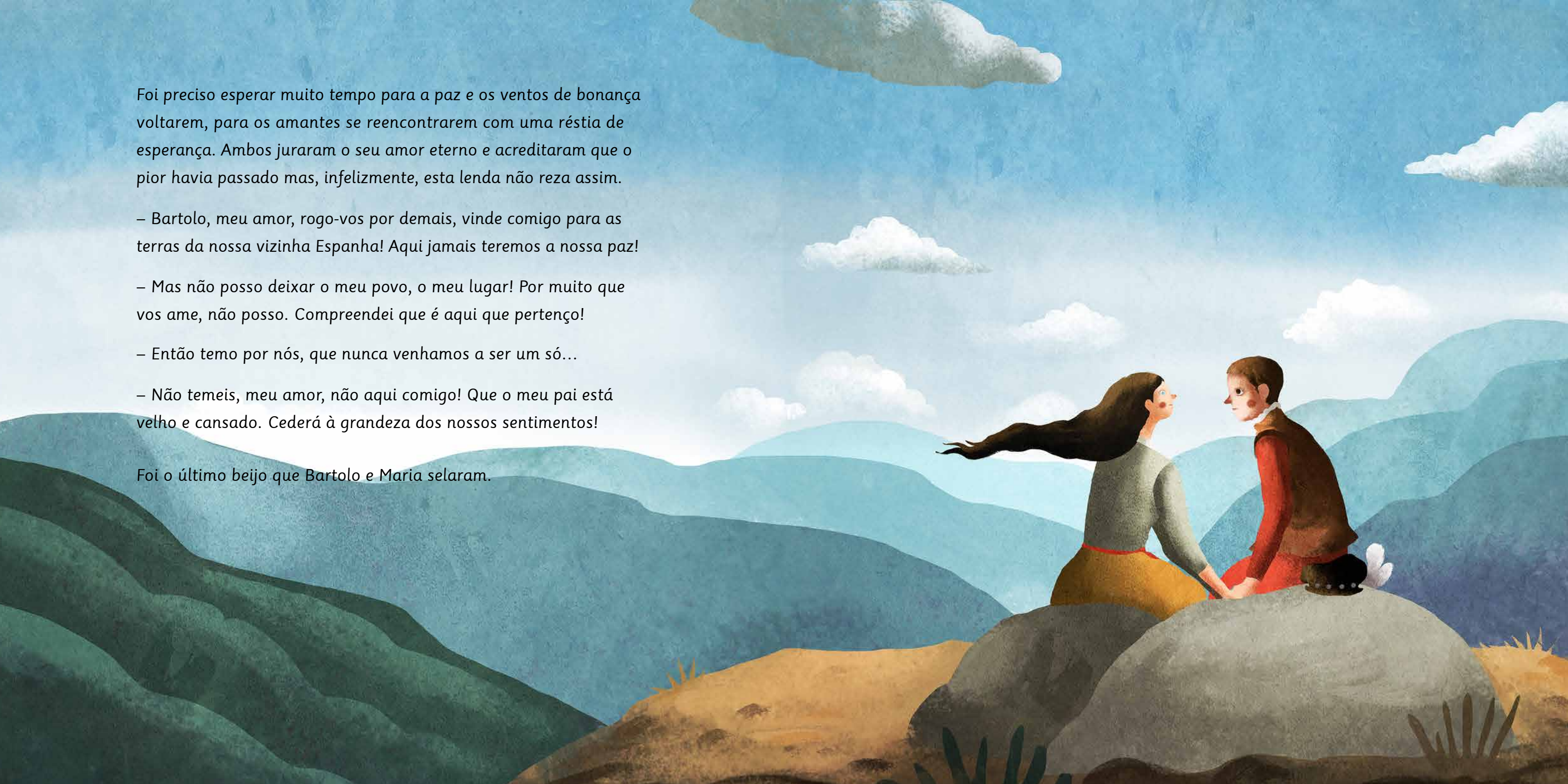
– Bartolo, meu amor, rogo-vos por demais, vinde comigo para as terras da nossa vizinha Espanha! Aqui jamais teremos a nossa paz!

– Mas não posso deixar o meu povo, o meu lugar! Por muito que vos ame, não posso. Compreendi que é aqui que pertenço!

– Então temo por nós, que nunca venhamos a ser um só...

– Não temeis, meu amor, não aqui comigo! Que o meu pai está velho e cansado. Cederá à grandeza dos nossos sentimentos!

Foi o último beijo que Bartolo e Maria selaram.





Na manhã seguinte o abade do mosteiro irrompeu pelo quarto do jovem frade e ordenou-o seu assistente. Por ordem do pai morgado, o Bartolo teria de seguir o Dom Abade para onde quer que este fosse. Quando não estava em viagem, restava-lhe a biblioteca para ler, escrever e registar os pensamentos e afazeres do abade. O Bartolo passou a viver em prol da irmandade, cada vez mais encurralado pelo dever e distante do amor. Parecia estar a adoecer de saudade e os seus olhos, por estarem longe do que importava, deixaram de enxergar até se fecharem para sempre. Diz o povo que se pode morrer num suspiro de desamor.

Não muito longe dali a Maria esperava, na mesma rua, à mesma hora, e com o mesmo desespero que sempre a consumira, noite após noite, dia após dia. A única coisa que ela podia fazer era chorar até lhe doer o peito, até se perder nas lágrimas e ficar sem jeito, de cara deslavada e de alma vazia. Quem lhe ouviu o pranto, jurou descortinar uma neblina de tristeza sobre a sua fronte e uma fonte a brotar-lhe dos olhos. Mas o povo é pródigo em imaginação.

A Maria ficou velha. Talvez tenha sido dela esperar pelo seu amor. Quando se ama com tamanha dor, envelhece-se mais depressa. Não se dá pelo tempo passar. A Maria ficou velha. Até a fonte dos seus olhos secar. O seu coração cansou-se de esperar e ela partiu.



Conta-se agora que quem passar e beber desta fonte, que parece

esconder algo, jamais abandonará Santo Tirso.



